

O amor e a oralidade

José Ramos Coelho
Departamento de Filosofia da UFRN

RESUMO

O amor e o ódio, dois sentimentos fundamentais do ser humano, estão ligados às fases evolutivas do desenvolvimento sexual infantil, as quais, por sua vez, são sobredeterminadas pelas relações intersubjetivas que a criança experimenta. Tentando precisar o significado do amor como o sentimento de unidade entre dois seres diferentes, no qual o amado assume uma importância vital para o amante, somos levados a definir o ódio como o sentimento de oposição entre diferentes seres que estão afetivamente ligados, onde o ser odiado representa aquilo que deve ser eliminado, expulso, destruído. Se o amor liga-se à fase oral, ao ódio compulsivo parece ligar-se em determinadas pessoas a uma certa constituição da fase anal, onde o comportamento transgressor surge como uma formação de compromisso entre a repetição de uma violência sofrida e a tentativa de libertar-se dela.

PALAVRAS-CHAVE: amor, ódio, libido.

Desde tempos imemoriais os poetas tem cantado o amor em prosa e verso, sendo enorme a literatura sobre o assunto. Muitos filósofos, igualmente, abordaram esta questão, procurando dar definições e explicações deste sentimento tão inquietante e profundo. A psicanálise veio lançar uma nova luz sob este fenômeno, ao esclarecer certos aspectos das escolhas dos objetos de amor. Pretendemos aqui estabelecer uma relação entre este sentimento e o período da vida infantil que Freud denominou de "fase oral".

A primeira relação de amor que a criança experimenta é através dos cuidados maternos e da amamentação. Quando lhe oferece o seio, a mãe dá à criança não apenas alimento (leite), saciando-lhe a

fome, mas também amor, sob a forma de carinho e do prazer da sucção. A sexualidade da criança apoia-se, então, sobre a necessidade de alimentação, que está a serviço da autoconservação. Em outras palavras, a **fome** e o **amor** surgem, de início, intimamente ligadas.

Estabelece-se então uma relação erótica entre a criança e a mãe, caracterizada por um sentimento fusional em que a criança não sabe e não conhece os limites de seu corpo, julgando ela e a mãe constituir um todo indiferenciado, tal como de fato ocorria no estado fetal. O corte do cordão umbilical não interrompe o sentimento de identidade, que perdura por bastante tempo. Se a mãe ama o filho(a), então ela o vê como alguém que a complementa, alguém que é uma extensão de seu próprio corpo e que a preenche.

Acreditamos que esse sentimento de identificação entre a criança e a mãe é o que vai fundamentar o sentimento de amor. Baseados no paradigma da oralidade, poderíamos provisoriamente definir o amor como o **sentimento de unidade entre diferentes seres que estão afetivamente ligados**. O amor, com efeito, transmite uma sensação de infintude oceânica, um desejo de mergulhar numa totalidade que venha preencher e satisfazer a fome de amor, como a criança que busca o corpo grande e aconchegante da mãe.

Tentando precisar melhor essa definição, poderíamos comparar essa idéia de identificação amorosa com dois conceitos que lhe estão bastante próximos, os de imitação e endopatia.

Um comportamento característico, observável até mesmo no reino animal, é a tendência a vestir ou incorporar as feições do ambiente com objetivos defensivos, para adquirir segurança ou integrar-se ao meio. Esta é, por exemplo, a função do mimetismo, quando os seres vivos camuflam-se para fugir dos predadores, assumindo, no próprio corpo, as cores e formas do meio circundante. Os animais, especialmente os pequeninos, apreciam muito imitar os mais adultos nas suas brincadeiras, o que lhes permite dominar e adquirir novos conhecimentos, o mesmo fazendo as nossas crianças.

Gabriel Tarde¹, procurou mostrar a importância desse fator na reprodução e constituição da vida social, sustentando que a maior parte dos fenômenos sociais consistia em imitações. Para ele, contudo, a imitação consistia na reprodução behaviourista e exterior de atitudes e ações, sem que fossem explicitados os fatores internos que provocavam este comportamento.

Os gregos antigos usaram também o conceito de imitação (mimesis), entendendo-o porém num sentido metafísico. Assim ocorreu entre os pitagóricos, para quem as realidades sensíveis e externas das

coisas imitavam a sua realidade interna, a qual era essencialmente numérica². Platão, na opinião de Aristóteles, conservou a mesma tese dos pitagóricos, mudando apenas o nome: ao invés de dizer que as coisas sensíveis imitavam as idéias (eide), preferiu dizer que aquelas “participavam” destas. Contudo o termo imitação foi utilizado também num sentido estético, como quando Platão diz que a arte imita a natureza, sentido que aparece também em Aristóteles, quando afirma que a tragédia é imitação de ações elevadas. Imitação consiste aí em reproduzir na obra de arte a imagem de uma coisa que se pretende descrever. Embora haja aí um processo de recriação artística, a obra produzida deve conservar algo de semelhante ao modelo que imitou.

Endopatia, por sua vez, é usado para traduzir o termo alemão Einfühlung (ein= um; fühlung = sentimento), também traduzido por empatia. Empregando este conceito, Theodor Lipps procurou explicar o sentimento de identificação estética, sustentando haver nele dois componentes, a projeção e a imitação. Pela primeira o sujeito se estendia até o objeto, enquanto que pela segunda se apropriava de certos aspectos dele. Assim, para que pudesse haver uma verdadeira apreensão de uma obra de arte, era preciso ocorrer um processo identificatório.

Ora, se todos esses processos (imitação, endopatia) se fundam na identificação com o outro, então a definição do amor perde a sua especificidade e se torna um conceito indiscernível em meio a tantos outros. Caberia averiguar, portanto, em que o sentimento de identificação amorosa distingue-se dos demais, para que possamos compreendê-lo na sua singularidade.

A resposta a esta questão nos parece estar na especificidade peculiar pela qual a criança se identifica com a mãe. Vimos que, na fase oral, o amor apoia-se na fome, a sexualidade ligando-se à autoconservação do indivíduo. Isso explica o fato de que o apaixonado não só se identifica com o outro, mas ainda que esse outro assume para ele um valor supremo, sente como uma necessidade imperiosa e vital a presença desse objeto amado, tal como uma criança à sua mãe. Assim sendo, poderíamos completar a nossa definição acrescentando que o amor é **o sentimento de unidade entre diferentes seres que estão afetivamente ligados, onde o ser amado assume uma importância vital para o amante.**

A relação entre o comer e o amar, ou entre as necessidades de autoconservação e a sexualidade pode ser constatada nos mais diversos campos, como por exemplo na linguagem e nos mitos.

Uma mulher sexualmente atraente é descrita como “gostosa”, “apetitosa”, “uma fruta”, etc. Um rapaz belo e desejável é chamado de “pão”, “massa”, “um doce”, chegando a dar “água na boca”. Nas rodas masculinas, em geral os homens não dizem “eu tive relações” mas sim “eu comi” determinada parceira.

“Todas as sociedades”, escreveu Lévi-Strauss³, “concebem uma analogia entre as relações sexuais e a alimentação; mas, conforme os casos e os níveis de pensamento, ora o homem, ora a mulher, ocupa a posição do que come e do que é comido”... E fornece vários exemplos:

“Entre as regras do casamento e as proibições alimentares, existe, primeiramente, um laço de fato. Tanto entre os tikopia da Oceania, quanto entre os nuer da África, o marido se abtém de consumir os animais e as plantas proibidas a sua mulher, porque o alimento ingerido contribui para a formação do esperma: se o homem agisse diferentemente, no momento do coito, introduziria no corpo de sua mulher o alimento proibido”[...] “Ora, essas aproximações só fazem ilustrar, em casos particulares, a analogia muito profunda que, em toda parte, o pensamento humano parece conceber entre o ato de copular e o de comer, a tal ponto que um muito grande número de línguas os designam pela mesma palavra. Em yoruba, ‘comer’ e ‘casar’ se dizem por um único verbo, que tem o sentido geral de ‘ganhar, adquirir’; uso simétrico ao francês, que aplica o verbo consommer ao casamento e à refeição”...

José Carlos Rodrigues acrescenta:

“Os Tupari designam o coito por locuções cujo sentido próprio é ‘comer a vagina (Kúma ka), ‘comer o pênis’ (Ang ka). O mesmo se passa em Mundurucu... Um mito Cashibo relata que apenas criado o homem, pediu de comer, e o Sol o ensinou... plantar milho... e outras plantas comestíveis. Então o homem perguntou a seu pênis: ‘E tu, que queres comer?’ O pênis respondeu: ‘o sexo feminino’.”⁵

A oralidade, como vemos, e o processo de incorporação que a acompanha, tem uma importância fundamental na formação do indivíduo. Feuerbach conseguiu resumir esta idéia na seguinte fórmula:

"o homem é o que come". São inúmeros os exemplos que nos vem das sociedades selvagens que confirmam esta afirmação. Vejamos alguns exemplos da dieta da carne.

Os caribes recusavam-se a comer tartarugas para não ficarem estúpidos e pesados como elas. Os creeks, cherokees e os membros de outras tribos pensavam que aqueles que se alimentassem de carne de veado ficariam mais velozes do que aqueles que preferissem a carne de gado ou porco⁶. Na Índia setentrional, as pessoas imaginavam que, comendo olhos de coruja, poderiam ver na obscuridade do mesmo modo que essas aves noturnas, etc.

Sabemos que a importância da identificação na constituição do psiquismo humano adquiriu uma importância considerável para Freud, a ponto de ele definir o ego como um "precipitado de investimentos objetivos abandonados e que ele contém o registro de todas as escolhas passadas de objeto" ou ainda o superego como a introjeção dos pais, ou a melancolia como a incorporação do objeto amado perdido, ou ainda que um sintoma histérico pode ocorrer por identificação fantasística com o objeto amado, etc.

Se essas indicações preliminares nos abrem um novo caminho para a consideração deste tema, será que o ódio poderia também ser abordado a partir do paradigma da analidade? Oportunamente tentaremos responder a esta questão, como também voltar ao tema da oralidade, tentando articulá-lo com a constituição da vida social.

NOTAS

¹ Cf. As Leis da Imitação.

² Cf. Aristote, *La Métaphysique*, A, 6, 987 b 12, especialmente o comentário Tricot à nota 1.

³ *O Pensamento Selvagem*, p. 156.

⁴ *Idem*. p.130.

⁵ *Tabu do Corpo*, p. 77.

⁶ Cf. Frazer, *La Rama Dorada*, p. 592.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ARISTOTE - *La Métaphysique*, Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1964, v. I.

02. FRAZER, J. - La Rama Dorada; Magia y Religion, México: Fondo de Cultura Económica, 1944.
03. FREUD, S. - "The Ego and the Id", in: Great Books of the Western World, Chicago: University of Chicago, 1952, v. 54.
04. LÉVI-STRAUSS - O Pensamento Selvagem, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.
05. RODRIGUES, José Carlos - O Tabu do Corpo, Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.
06. TARDE, Gabriel - As Leis da Imitação, Porto: Rés, s/d.